

Levy: Dívida não poderá ser paga

MAR 1983



ECONOMIA
Brasil
CORREIO BRAZIL

Herbert Levy

O empresário e deputado federal (PDS-SP), Herbert Levy, condenou a política recessiva adotada pelas autoridades do governo, sob a tutela do Fundo Monetário Internacional (FMI), argumentando que "pressionar-se e debilitar-se a economia do País não é saída para saldar os serviços desta dívida externa, que, diga-se, não poderá ser paga." O alerta do parlamentar e empresário paulista, foi feito durante sua palestra no Fórum de Debates Brasil 83, promovido pela Federação do Comércio de Brasília e Banco Regional de Brasília.

— Nós não estamos incentivando a expansão econômica, ao contrário. Então, justamente para procurar manter em dia os serviços desta dívida gigantesca, nós estamos pressionando a economia do País e debilitando-a; amanhã, ela estará em situação muito pior para enfrentar estes compromissos. O que é necessário é estimular, fortalecer a economia para que ela possa enfrentar essas responsabilidades — ressaltou Herbert Levy.

O empresário mostrou-se totalmente contrário à intervenção do FMI na gestão interna da nossa economia e lembrou que, se recorrer ao Fundo era inevitável, então essa decisão deveria ter sido adotada quando a situação era muito mais favorável ao País:

— Em 1979, a nossa dívida externa era de US\$ 42 bilhões. Hoje é mais do que o dobro. É uma bola de neve. A hora de fazer um acerto menos danoso aos credores e ao Brasil era esta. E nós não precisaríamos, para atender às crescentes necessidades da dívida externa, nos submetermos às orientações ortodoxas do Fundo Monetário Internacional, que tem levado muitas nações ao desastre. Lembra-me de como combati a política extremamente monetarista de Roberto Campos e Otávio Builhões, que acabou provocando a falência de mais de doze mil empresas. A situação ficou tão grave que estes estadistas, que negaram um crédito legítimo a curto prazo para os empresários, acabaram tendo que fazer um "hospital de empresas," em que davam crédito financeiro a prazos de um, dois e até três anos, com taxas muito abaixo da inflação, para tentar remediar o mal que haviam feito — lembra Levy.

que só não pode ser chamada assim porque senão "os bancos estrangeiros vão quebrar." O acordo feito pelo governo com seus credores, segundo Levy, foi feito exatamente para temporizar e ir, aos poucos, tentando pagar a estes bancos.

— Muitas vezes a solução é essa mesma. Mas nós precisamos realizar uma nova negociação, dividindo as responsabilidades pela crise, que não são só dos países subdesenvolvidos. As potências e o mercado financeiro internacional também têm as suas responsabilidades. Eu não quero pagar por aquilo que me foi imposto pelo Tesouro norte-americano. É chegar para eles e dizer "eu não vou pagar esta parte, que não é minha responsabilidade." Não se deve interromper este acordo, extremamente oneroso para nós, mas que, apesar de tudo, estamos cumprindo. Precisamos, isto sim, mantê-lo o tempo necessário para fazermos novas negociações e novos acertos. Agora, dar nome aos bois, admitir a moratória e torná-la pública; isso não se deve fazer — justificou o palestrista.

ROSSI

O presidente da Federação do Comércio de Brasília, empresário Newton Rossi, um dos promotores do encontro, apresentou o palestrista do Fórum de Debates Brasil 83 ao auditório, e criticou o governo que, "pressionado pela situação do balanço de pagamentos, vê-se forçado a adotar medidas claramente recessivas, que vêm trazendo grandes sacrifícios à Nação."

Ele lembrou que "costuma-se dizer que os tempos de crise são geralmente criativos, no sentido de que as dificuldades pressionam as pessoas a se su-

perarem na busca de solução para os problemas, e estas podem representar até grande avanço em relação à situação anterior." Newton Rossi disse esperar que as palavras de Levy sirvam de "novas idéias que permitirão a todos extrair da própria crise, lições de perseverança no trabalho profícuo e esperança no futuro do país."

O empresário e presidente da FCB anunciou que o próximo convidado do Fórum de Debates Brasil 83 será o presidente do Banco Central, Carlos Langoni, que fará a sua palestra no próximo mês.

NOME AOS BOIS

Herbert Levy disse também que a atual situação econômica brasileira é de evidente moratória, mas